

## “Terceira pessoa”

### *Sobre Bruno Vieira e as relações em espaços e tempos contidos*

Por Ana Maria Maia

#### RELAÇÕES I

Bruno Vieira me recebe em sua casa; longe do centro, perto da praia, em Boa Viagem, Recife. É ali que trabalha, que traça os rumos de uma carreira artística, que cataloga a história que já viveu. Atende-me à porta e, já da entrada, aponta para um ambiente doméstico tomado por obras. Um exemplar de *Cidade de areia* sobre o sofá; alguns de *Deriva* na esquina, entre porta-retratos e um arranjo floral; atrás da mesa de jantar, uma montagem fotográfica de *Lapsos*. O portfólio expositivo, no corredor, revela “presentes e parcerias” de que Bruno se cerca. Estão ali afixados Flávio Lamenha, Carlos Melo, Paulo Meira (PE), Arthur Leandro (PA), Evandro Prado (MS), Helio Eudoro (RS), Fabio Okamoto, Marcelo Cidade, Ding Musa, Andrei Tomaz (SP), Hugo Houayek, Chico Fernandes, Izabela Puçu, Cildo Meireles (RJ) e Mark Salvatus (Manília, Philippines), entre outros. Todos amigos, referências, interlocuções, em diferentes medidas e contextos. Pertencentes não só a este acervo particular, mas à rede de mais de seis mil contatos eletrônicos a partir da qual o artista tece discursos e estratégias de trabalho.

Precisamos conversar sobre a exposição individual que apresenta, entre 21 de agosto a 20 setembro, na Galeria Mariana Moura, uma de suas representantes comerciais junto à Virgílio (SP), à Anita Schwartz (RJ) e à Belizário (BH). Vamos ao quarto, sentamos diante do computador, entre catálogos repetidos, livros de curadores –“para saber como eles pensam”– e um escritório de objetos, fotografias e arquivos de matérias de jornais e revistas. Bruno tem tópicos anotados e me adianta que, em *Obrigação do Horizonte*, quer falar de “cultura e paisagem”, materializar lugares constitutivos e simbólicos para a experiência humana que, na condição de artista, universaliza e narra, vide as silhuetas em acrílico e tamanho real *Elementos Integrados*. O sociólogo de formação quer falar de origem, de subjetividade e de apego, mas, ao assumir-se parte de um todo, de um sistema complexo para a vida e para a arte, abdica e se contém na administração de responsabilidades compartilhadas.

*Nunca te vi* é sintoma de compartilhamento. Ocupa uma face da Mariana Moura com registros de uma convocatória por fotografias de sombras projetadas sobre monumentos urbanos de cidades ao redor do mundo. Do amplo banco de destinatários, alguns conhecidos pessoalmente, outros apenas através de listas e ferramentas de relacionamento na Internet como o Multiply, onde possui uma página pessoal (<http://brunovieira.multiply.com>), o artista recebeu e selecionou as 12 imagens que exibe. A prática de endereçamentos e colecionismo de vistas particulares –e, muitas vezes íntimas– é recorrente desde os anteriores *Deriva* (concluído em 2007) e *Imagens do Afeto* (iniciado em 2005), em que, respectivamente, lança ao mar uma resma de e-mails trocados e coleta memórias num álbum virtual público ([imagensdoafeto.multiply.com](http://imagensdoafeto.multiply.com)).

#### ESPAÇO

As praças de embates e encontros são subterfúgios que vêm e vão na pesquisa poética de Bruno Vieira. Se em *Depósito* ele preenche a amplitude do resultado de sua residência na Bolsa Pampulha (Belo Horizonte - MG, 2003) com caixas lacradas de doações que recebeu para a ocasião, em *O Prêmio*, executado no 46º Salão de Artes Plásticas de Pernambuco (Recife - PE, 2006), repassa parte de seu pro-labore aos três visitantes que alcançarem o maior número de voltas à exposição. Em ambos os casos, usa da autoridade que lhe é dada para constituir elos através dos quais público e instituição possam pensar formas de convívio, utopias possíveis, mesmo que momentaneamente.

*Da série cidades: castelo de areia* é um lugar ideal(izado) que habita a Galeria. Espelhada nos mesmos céu e mar vizinhos ao artista e a sua obra, a fotografia impressa em grandes proporções congela uma figura de encantamento e se completa enquanto percurso, da impossibilidade de permanência a que a matéria condena à potência de deleite estético intensificado no pré-colapso. Abaixo dela, na montagem da individual, estão *Rosas Azuis*, reproduções de uma mesma flor em três estágios de envelhecimento sobre plataformas ovais que elucidam às coordenadas geográficas de um mapa-múndi.

O mesmo anunciado indicial é tomado em *Vista Inevitável*, sobreposição de um retrato campestre em uma persiana. A instalação do objeto sobre uma parede sem janela dá a falsa impressão de que ali se esconde uma paisagem. Uma regra em que a representação nega a realidade e a arquitetura distancia o horizonte do alcance. Ao ornamento se segue a linha de mini-telas *Metro quadrado*, e, com elas, o infinito da vontade de conter.

## TEMPO

Cai a tarde e Bruno Vieira ainda me fala do tempo e de suas tentativas de aprisioná-lo. Isso lhe é muito caro, dos traçados de *Invasões* (2003 - 2008) aos gestos registrados em vídeos como *Água Viva* (2005) e *Caminhando* (2007). Isso se atualiza no ambiente da Mariana Moura em novos exemplares de *Caixas do Tempo*, em que traduz à literalidade o desejo pela providência do eterno. Dessa forma, o pôr do sol pode durar pra sempre, de dentro de um aquário refletido.

Pode durar assim como a própria história da arte, que segue sendo fonte temática do artista, em citações estilísticas e diálogos constantes entre passado e presente. Diálogos que o motivaram a estudar o movimento desacelerado da filmagem de um corpo de balé, em *Projeto Degas* (2006), à luz do legado do impressionista que postulou matizes e ângulos para cenas efêmeras. Nesse caso, lhe interessava o remetimento a possibilidades de captura e contenção; lhe interessava a pintura como paradoxo de dinâmica e registro, disciplina e imaginatividade. Embora nunca houvesse investido na técnica, certa vez mapeou, com Gil Vicente e Bete Gouveia, os pintores e suas grades de composição. De uma linha evolutiva, tirou 170 nomes, os apresentou em panfletos de feições contemporâneas para seu ciclo social. *Desaparecidos*, circulavam Pablo [Picasso], Juan [Miró], Tarcila [do Amaral], Iberê [Camargo], sempre de costas, sem sobrenome e com uma indicação de telefone de contato que juntava ano de nascimento a ano de morte.

Assim como outras que ativam circuitos, a série sai do controle, mas não da vigília de Bruno, que ainda recebe *feed-backs* da procura coletiva e brinca com a pertinência da obra em tempos de assaltos aos acervos do MASP e da Pinacoteca do Estado de São Paulo. O exercício revela um artista de voltas e elipses, que insere a si mesmo em equidades históricas e assume, antes de mais nada, a contemporaneidade como postura política, trás a qual afere sintomas e transita a partir da percepção de conceitos comuns.

## RELAÇÕES II

Quando monitor do educativo do Museu de Arte Moderna Magalhães –“para aprender a montar e a me relacionar”–, em 2002, na mesma época que integrava o Grupo Aleph – cruzou com Nelson Leirner, marco da geração 60/70, que ali exporia *Adoração*. Para prestar-lhe reverência, Bruno interpretou o colar que o carioca sempre leva ao pescoço, em similar, feito com restos da montagem e cartas de baralho. Do encontro, restam o próprio colar, uma foto do momento em que exhibe a peça para Nelson e para o então diretor do MAMAM Moacir dos Anjos, e a explicação de que a performance espontânea demarcara “uma triplíce aliança” entre artistas e curador, peças de um mesmo jogo na arte.

Prestes a partir, recebo de Bruno alguns de seus catálogos, um do *Projeto Prima Obra*, de que participou ainda em grupo, na Funarte (Brasília - DF, 2002-2003); um da *Temporada de Projetos do Paço das Artes* (São Paulo - SP, 2005 - 2006); outro do *Atos Visuais* de 2006, também da Funarte. Levo um Goya “desaparecido”, gravo imagens no meu pen-drive e deixo contatos de MSN e Skype. Dali a poucos dias, nos reencontramos na abertura da exposição *Quando foi 1968?*, na Fundação Joaquim Nabuco. Voltamos a conversar, eu ainda com um relato a escrever. Continuamos, agora pela Internet, onde pareciam ainda mais evidentes os hiperlinks de intenções, proposições, resultados expositivos e textos críticos que encerravam data e hora para aquele universo de trabalho. Assumo terceira pessoa e parcela de responsabilidade. Faço-me veículo para Bruno Vieira e para as levas do que pode e do que não pode conter.

[http://www.continentemulticultural.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=+2844+&Itemid=70](http://www.continentemulticultural.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=+2844+&Itemid=70)